

O que esperar de 2014

Ninguém poderá com certeza absoluta saber o que esperar deste ano que agora começa. Alguns fazem previsões optimistas e muitos outros não conseguem deixar de estar pessimistas. Enquanto para uns Portugal começa a dar sinais positivos, procurando demonstrar que o pior já passou, para outros os sinais são todos negativos e só devemos esperar o pior. Sabemos, ou pelo menos devíamos saber, que a forma como jornalistas, comentadores, economistas e políticos nos apresentam os factos é deturpada pela sua própria visão da realidade e pelos seus próprios interesses. Basta ver ou ler as notícias para perceber que o mesmo facto é interpretado por uns como sendo uma boa notícia quando para outros não poderia ser pior.

A grande maioria das opiniões que ouvimos na televisão ou lemos nos jornais não são de todo isentas pelo que cada um deve fazer o seu juízo procurando ouvir ou ler os dados todos e não apenas a visão parcial da verdade que nos procuram transmitir.

A opinião é o modo de ver pessoal e uma manifestação da visão individual da realidade e felizmente é livre, o que não significa que seja isenta ou imparcial. Precisamente por ser individual é naturalmente condicionada pela realidade de cada indivíduo e, no caso da opinião de como será o ano de 2014, fortemente influenciada pela expectativa que cada um tem, face ao seu próprio contexto. Por essa razão não posso deixar de estar muito optimista em relação a este ano que agora se inicia. Não porque acredito em algum milagre mas pura e simplesmente porque conseguimos em 2013 excelentes resultados comerciais que nos garantem um crescimento sustentado nos próximos anos.

Correndo o risco de me repetir, acredito que os próximos anos vão ser de retoma económica gradual mas não podemos esperar que, nos sectores do imobiliário, da construção e do projecto, voltemos a ter, em Portugal, a dinâmica que existia antes da crise. O mercado já não é o mesmo e mudou muito. Tal como escrevi há uns anos parafraseando Darwin, sobreviveram os que melhor se souberam adaptar não só ao seu meio ambiente natural, mas também a outros territórios que entretanto foram explorando.

Procurar outros mercados foi a forma como muitos procuraram, e bem, assegurar a sua sobrevivência. Uns tarde demais, outros não se adaptaram, mas muitos, com muito esforço, conseguiram encontrar fora de Portugal as oportunidades que aqui não existiam.

Cada um procurou os mercados onde pensou que melhor conseguiria vingar. Ninguém pense que é tarefa fácil, porque a concorrência é feroz e o conhecimento de cada mercado não se faz em pouco tempo. Eu procurei fazer a minha parte do esforço. Só neste ano que agora terminou fiz mais de 40 voos para 4 continentes onde estamos a actuar. Alguns optaram ou foram forçados a mudar a sua vida para outro país enquanto outros, tal como nós, mantiveram a sua equipa principal em Portugal estabelecendo parcerias em cada mercado.

Ultrapassadas que estejam as dúvidas sobre a capacidade de Portugal cumprir na generalidade as metas impostas, a confiança voltará e serão os que sobreviveram e se adaptaram que vão conseguir também aproveitar melhor essa recuperação gradual da confiança interna e externa em relação a Portugal e o consequente aumento do investimento na construção o que só reforça o meu optimismo face a 2014.

Neste momento há boas oportunidades de investimento, em resultado da redução da especulação nos valores do imobiliário, que começam a despertar novamente o interesse de quem tenha capacidade, sejam portugueses ou estrangeiros. Os bancos lentamente começam a limpar os seus balanços e brevemente poderão conseguir começar a ajudar a economia a mexer, ao que não será alheia a esperada redução das taxas de juro e spreads que hoje em dia ainda se encontram em valores proibitivos. O acordo parlamentar para a reforma do IRC terá também um papel importante visto que é um sinal determinante de garantia de estabilidade fiscal para as empresas que pensem em investir em Portugal.

Muitas vezes fui “acusado” de ser optimista. Esta crise obrigou-me a ser realista mas não me conseguiu tornar num pessimista.

Desejo a todos o melhor para 2014.



Nuno Malheiro da Silva

Presidente do FOCUS group

nuno.malheiro@focusgroup.eu

Muitas vezes fui “acusado” de ser optimista. Esta crise obrigou-me a ser realista mas não me conseguiu tornar num pessimista